

vibrações autistas:
gestos ético-sensíveis para uma arte de convívio

autistic vibrations:
ethico-sensory gestures for an art of conviviality

nadiana carvalho

universidade federal do rio de janeiro – ufrj

orcid: 0009-0003-8351-6095

doi: 10.21680/2595-4024.2025v8n2ID40499

resumo:

este trabalho propõe a neurodivergência autista como uma chave sensível e crítica para os estudos da arte da performance. a partir da minha experiência, investigo como a sensibilidade autista não opera como deficiência, mas como força de criação e de vínculo. ao problematizar as convenções sociais como performances normativas (BUTLER, 2016), proponho as vibrações autistas como um desvio ético-estético frente aos artifícios da normalidade e da adaptabilidade. em diálogo com a opacidade (GLISSANT, 2021) e com os gestos menores (MANNING, 2016), especulo aspectos dessas vibrações: intensidades sensíveis; pensamento não linear e associativo; envolvimento multiespécie e multi-matéria como gesto pré-significante e crítica às normas neurotípicas aliadas ao produtivismo neoliberal. proponho, assim, as vibrações autistas como um dispositivo político-relacional para práticas em performance implicadas com poéticas de convivência.

palavras-chave: neurodivergência autista; arte da performance; poéticas da convivência.

resumen:

este trabajo propone la neurodivergencia autista como una clave sensible y crítica para los estudios del arte de la performance. a partir de mi experiencia, investigo cómo la sensibilidad autista no opera como una deficiencia, sino como una fuerza de creación y de vínculo. al problematizar las convenciones sociales como performances normativas (BUTLER, 2016), propongo las *vibraciones autistas* como un desvío ético-estético frente a los artificios de la normalidad y de la adaptabilidad. en diálogo con la opacidad (GLISSANT, 2021) y con los gestos menores (MANNING, 2016), especulo sobre aspectos de estas vibraciones: intensidades sensibles; pensamiento no lineal y asociativo; implicación multiespecie y multi-materia como gesto pre-significante y crítica a las normas neurotípicas vinculadas al productivismo

neoliberal. propongo, así, las vibraciones autistas como un dispositivo político-relacional para prácticas performáticas implicadas con poéticas del convivio.

palabras clave: neurodivergencia autista; arte de la performance; poéticas de la convivencia

abstract:

this work proposes autistic neurodivergence as a sensitive and critical key for performance art studies. drawing from my own experience, I investigate how autistic sensitivity operates not as a deficiency, but as a force of creation and connection. by problematizing social conventions as normative performances (BUTLER, 2016), I propose *autistic vibrations* as an ethico-aesthetic deviation from the artifices of normality and adaptability. in dialogue with opacity (GLISSANT, 2021) and minor gestures (MANNING, 2016), I speculate on aspects of these vibrations: sensitive intensities; non-linear and associative thinking; multi-species and multi-matter involvement as a pre-signifying gesture and a critique of neurotypical norms aligned with neoliberal productivism. I thus propose autistic vibrations as a political-relational device for performance practices engaged with poetics of conviviality.

keywords: autistic neurodivergence; performance art; poetics of conviviality

há momentos em que os nervos se esticam e a pele se afina, porosa demais. qualquer som atravessa impiedoso. a luz se infiltra como faca. o toque mais leve implode. tudo pulsa, vibra e reverbera com muita força. há momentos em que a comunicação não flui como esperade – as palavras tropeçam, os códigos se embaralham, o silêncio interrompe. e há também os momentos em que a interação social se torna turva, introspectiva e, talvez, menos humana no sentido convencional, e mais interespécie ou inter-matéria: um diálogo com a pulsação das formas e das cores, com as superfícies, com os movimentos de animais e insetos, com a dança acidental das poeiras. e são momentos frequentes, é preciso dizer.

creci tentando aprender a me comportar segundo os códigos sociais de uma suposta boa convivência: cumprimentar da maneira certa; falar e sorrir no momento certo; não expor opiniões muito sinceras mesmo quando alguém pede uma opinião sincera; conter as emoções; conter a intimidade. com o tempo, percebi que o que chamavam de “habilidade social” era, na verdade, uma coreografia invisível – uma sequência de normas encenadas como se fossem espontâneas. mas para mim – e

me arrisco a dizer, para nós autistas – nada disso, em nenhuma hipótese, expressa naturalidade. talvez tenhamos uma sensibilidade mais aguda para perceber os padrões sociais, espelho. ou talvez tenhamos apenas uma sensibilidade mais rebelde, que se recusa a aderir tão facilmente a eles. ser autista, para mim, nunca foi sobre não saber socializar, mas sobre sentir, internamente, meu corpo se rebelar diante de uma encenação que não faz sentido algum pra mim – mesmo quando me esforço muito para caber nela.

esta escrita nasce dessa percepção autista e da recusa em aceitar que tais sensibilidades e sociabilidade seja sinônimo de debilidade ou erro. como artista-pesquisadora, tento escrever a partir dessa corporalidade que vibra – e não apesar dela. proponho que o que se convencionou chamar de “autismo” possa ser escutado como uma episteme sensível: um modo de perceber, sentir e se relacionar com o mundo que carrega outros saberes. e que a arte da performance, compreendida na estética da experiência – e não da representação –, seja um acontecimento privilegiado para acolher, experimentar e amplificar essa percepção.

regras sociais nunca são neutras. elas carregam a força silenciosa de um mundo que exige adaptação a modelos previamente definidos do que é ser e se comportar como uma humane funcional, saudável e civilizada. elas carregam violências explícitas de gênero, de raça, de classe; e outras mais implícitas de relações ético-afetivas. o desconforto diante das coreografias sociais revela, em mim, a inadequação diante da artificialidade de uma convivência automatizada.

em seus estudos acerca das performatividades sócio-culturais, a filósofa Judith Butler revela como as identidades não são essências fixas, mas efeitos dessas repetições de normas. segundo Butler (2016), somos continuamente constituídos por atos reiterados que encenam o que se espera de nós: como modos de vestir, de andar, de falar, de silenciar, de desejar. as chamadas “identidades” são, nesse sentido, o resultado de performances aprendidas, reproduzidas e policiadas. e a naturalização dessas performances cria a ilusão de uma identidade estável.

são modelos constituídos a partir de uma colonialidade normativa: uma forma de poder que impõe monoculturas de existência, apagando a diversidade de formas de sentir, de viver e se vincular com as coisas do mundo. ao problematizar essas performances normativas, gostaria de apontar não apenas para os gestos visíveis da vida social, mas para o custo sensível de habitá-los. para mim, o esforço para encená-los é, muitas vezes, uma tensão sensível, um desgaste nervoso, uma desregulação emocional. meu corpo sabe que algo ali não pulsa verdade ético-afetiva. e é justamente essa recusa - essa desobediência involuntária do corpo - que me interessa: um modo de habitar o mundo que, na sua organicidade, desestabiliza roteiros automáticos de convivência.

fundamentado no ideal iluminista de transparência e universalidade, em aliança com a economia neoliberal, o pensamento moderno concebe a mente humana como uma máquina funcional, utilitária e produtivista, programável para gerar pensamentos altamente formatados. essa máquina opera dentro de parâmetros considerados “normais”, “corretos” e “civilizados”, e qualquer desvio em relação a esse padrão dominante é interpretado como “disfuncional”, “desordenado” ou “deficiente”. assim, esse modelo instaura uma lógica hierárquica que privilegia uma racionalidade linear, objetiva e causal, em detrimento de outras formas de perceber e existir no mundo.

em resposta, a comunidade neurodivergente emerge como força crítica, desafiando a imposição de normatividades cognitivas e reivindicando a pluralidade de experiências sensíveis e de comportamentos considerados “desviantes”. a partir da minha experiência autista, apresento três motivações críticas desse movimento que considero fundamentais para eleger a percepção autista como uma força criativa.

primeiro, afirmando a existência de um espectro cognitivo multifacetado, rompendo com a ideia de uma mente “normal” que limita nossas experiências criativas. segundo, explicitando a inseparabilidade entre cognição e sensibilidade, mostrando que nossos modos de pensar estão profundamente entrelaçados aos nossos modos de sentir - contrariando uma cultura que historicamente deslegitimou

o corpo sensível. e terceiro, denunciando que os padrões de “normalidade” valorizados pela cultura neurotípica servem, na verdade, aos interesses utilitários e capacitistas do capitalismo neoliberal.

em *Neuroqueer Heresies* (2021), Nick Walker propõe o paradigma da neurodiversidade como uma alternativa viva ao modelo patológico que há décadas molda a maneira como o mundo enxerga - e tenta corrigir - corpos e mentes como as nossas. a forma como o autismo é descrito por palavras como “transtorno”, “distúrbio”, “condição”, “déficit” pesa sobre nós como uma sensação constante de *insuficiência*. como se estivéssemos sempre aquém de um modelo invisível, mas onipresente, de mente e comportamentos ideais. em diferentes áreas de atuação - psiquiatria, psicologia, neurociência, educação - os termos variam, mas a mensagem permanece: há algo em nós que precisa ser corrigido, compensado, melhorado. mas Walker questiona: “Disordered compared to what state of order, exactly, if we refuse to buy into the idea that there’s one particular “normal” order to which all minds should conform?” (Desordenado comparado a que estado de ordem, exatamente, se nos recusamos a comprar a ideia de que há uma ordem ‘normal’ específica a qual todas as mentes devem se conformar?) (2021, p. 24).

nesse contexto, o paradigma da neurodiversidade propõe uma inversão radical: não se trata de adaptar corpos a normas pré-estabelecidas, mas de colocar essas próprias normas em questão. a ideia de uma “mente normal” não passa de uma ficção cultural, assim como são ficções as ideias de uma etnia, um gênero ou uma cultura considerados “normais”. no fundo, trata-se da mesma dinâmica, enraizada em estruturas de poder.

no paradigma da neurodiversidade, o autismo não é abordado como doença, problema ou condição a ser tratada e normalizada. é compreendido como uma característica - uma forma de variação neurológica com base genética. Walker aponta que as evidências atuais indicam que o que distingue os cérebros autistas é um nível particularmente alto de conectividade sináptica e responsividade (p. 71). isso se traduz em modos de pensar, mover, comunicar e se relacionar com o mundo que

não se encaixam nas expectativas neurotípicas.

o que acontece, no entanto, é que a patologização transforma o que é apenas outro jeito de ser em algo que precisa ser consertado. e nesse movimento, o que se perde é a oportunidade de se vincular a outros modos de existir: possibilidades de troca, de aprendizado, de convivência que, talvez, justamente por não se adequarem, abrem frestas para outras experiências de mundo.

a neurodivergência autista se manifesta em um espectro amplo de comportamentos que atravessam a sensibilidade, a comunicação e a interação social. essas variações escapam à normatividade racionalista ao operarem por pensamentos não lineares, associações sensoriais intensas, atenção hiper focada, formas alternativas de linguagem e de relação, entre outras expressões. mas o que o espectro autista me ensina - e sigo aprendendo com ele - é que nenhuma dessas características, isoladamente, serve como modelo fixo para identificar, categorizar ou rotular uma pessoa autista.

autistas podem ou não ter hipo ou hipersensibilidade auditiva, olfativa, visual, tátil ou gustativa. podem encontrar mais ou menos facilidade na comunicação verbal ou gestual. podem ter maior ou menor percepção de padrões sociais e comportamentais. podem ser profundamente empáticos - ou não. o espectro me ensina que, ainda que existam certas tendências ou traços recorrentes, eles não definem ninguém. suas combinações são múltiplas, e as formas de expressá-los, infinitas.

dentre as tantas características que compõem o universo autista, a que me chama especial atenção é essa: nossos comportamentos estão profundamente entrelaçados à nossa sensibilidade. digo *profundamente* porque não suponho ser possível um comportamento dissociado da experiência sensível. o que quero dizer é que essa inseparabilidade parece ganhar uma *intensidade* radical. algo que sempre me marcou ao longo da vida, por exemplo, foi perceber a facilidade com que pessoas neurotípicas performam, socialmente, uma dissociação entre o que se pensa e o que se sente - algo que, para mim, parece absolutamente impossível. tudo pulsa junto,

tudo se mistura, tudo acontece no corpo inteiro ao mesmo tempo.

isso nos leva de volta às separações clássicas operadas pelo pensamento moderno ocidental entre corpo e mente, razão e sensibilidade, cognição e experiência afetiva. essa discussão já foi atravessada por diferentes campos do conhecimento, mas Nick Walker vai direto ao ponto para propor a mente como fenômeno corporificado:

quando a maioria das pessoas vê o prefixo neuro-, elas o traduzem como cérebro. Mas neuro- não significa cérebro, significa nervo. Na minha opinião, o neuro- em neurodiversidade é mais útil quando compreendido se referindo não apenas ao cérebro, mas a todo o sistema nervoso – e, por extensão, à complexidade total da cognição humana e ao papel central que o sistema nervoso desempenha na dança incorporada da consciência. (WALKER, 2021, p. 46, livre tradução).

a imagem do nervo é, de longe, a que melhor traduz minha experiência autista. diria que, para mim, o mundo chega primeiro pela sensação – antes de qualquer atribuição de sentido ou significado. na verdade, o sentido se constrói ali mesmo: *sentindo*. talvez por isso tantos comportamentos socialmente convencionados pareçam estranhos e não façam sentido para nós, autistas, por não corresponderem às nossas sensações imediatas. desde o desconforto com normas de cumprimento, passando pelo impulso de aprofundar uma conversa só porque o timbre da voz de alguém me atravessa, até os momentos de ansiedade diante de estímulos demais — eu penso com os nervos.

minha interação com o mundo é, antes de tudo, sensível. claro, toda cognição passa pela experiência sensorial – mas talvez o que marque a vivência autista, e aqui eu insisto, seja a intensidade, a fusão, a impossibilidade de separar mente e corpo, pensamento e sensação, significado e presença. me comovo, por isso, ao escutar uma entrevista da filósofa do movimento Erin Manning, para a plataforma *For the Wild*, onde ela compartilha sua curiosidade por esses modos de percepção autista — o que chama de *coreografia da neurodiversidade*:

Modos neurotípicos de engajamento impõem fortes separações entre corpos e mundos. Eles parecem ter certeza de que existe tal separação, enquanto

formas neurodiversas de percepção, ou o que eu chamei de percepção autista, estão envolvidas nos processos de percepção onde as formas não se consolidaram completamente, o que é uma espécie de maneira nativa de perceber para autistas. Então, quando falo sobre percepção autista, não quero dizer percepção que é limitada a autistas, mas penso em autistas vivendo no cerne disso e sendo capazes de nos dar vocabulário para entender melhor esses modos de percepção. (MANNING, Ering. Choreograph of Neurodiversity. Episódio 356, 2023. tradução livre).

Erin Manning toca em dois pontos que mobilizam minha investigação: os modos perceptivos autistas como fontes de criação sensível e sua força de resistência às políticas de controle e produtividade que regem a cultura neoliberal. fico me perguntando: o que aconteceria se o mundo neurotípico percebesse que a exigência por uma racionalidade transparente serve, antes de tudo, aos interesses capitalistas? interesses dos quais ele próprio também é refém?

nenhuma característica neurodivergente se desvia de uma “normalidade” objetiva - porque o normal não existe. ela se afasta de uma imagem funcional de cognição que a cultura neoliberal tenta impor como padrão de desempenho. isso se evidencia nas próprias classificações médicas, como “autismo de alto” e “de baixo funcionamento” (níveis 1, 2 ou 3 de suporte) que não buscam entender a singularidade da subjetividade autista, mas apenas medir o grau de *funcionalidade* dentro das expectativas de produtividade sócio-econômica.

não pretendo me alongar aqui nas diversas nomenclaturas pejorativas que ainda atravessam os debates — necessários e urgentes — dentro da comunidade autista. meu foco, neste momento, é outro: é convidar o olhar do mundo neurotípico a perceber como essa lógica de separação e medição utilitária empobrece as relações. ao reduzir a complexidade dos modos de ser a uma régua de funcionalidade, o que se perde é justamente a chance de convivência com as diferenças “como fontes potenciais de crescimento, enriquecimento e sinergia criativa” (WALKER, 2021, p. 63).

um primeiro caminho para pensar essa relação com a diferença vem com o filósofo Édouard Glissant (2021), quando ele propõe o que chama de *direito à opacidade*: a recusa de ser totalmente compreendido ou traduzido pelas categorias hegemônicas de conhecimento. contra a exigência da transparência, ele afirma o

opaco como espaço de existência legítima - o não redutível, que, em suas palavras, “é a mais viva das garantias de participação e de confluência” (2021, p. 221).

Glissant nos convida a imaginar uma Poética da relação, “segundo a qual, toda identidade se desdobra numa relação com o outro” (2021, p. 34). no entanto, ele nos alerta que mesmo relações marcadas pela diferença podem permanecer presas a premissas comparativas e hierárquicas. por isso, ele defende não apenas o direito à diferença, mas sobretudo o direito à opacidade: “opacidades podem coexistir, confluir, tramando tecidos cuja verdadeira compreensão estaria na textura dessa trama, e não na natureza dos componentes” (2021, p. 220).

Glissant nos propõe uma ética da convivência que não exige total legibilidade. uma convivência onde não é preciso traduzir tudo, explicar tudo, dar conta de tudo. o direito à opacidade seria uma resposta à obsessão moderna pela transparência - essa mania de reduzir a complexidade do mundo a modelos explicativos que servem mais a quem observa do que àquilo que está sendo observado.

embora Glissant fale principalmente a partir da colonialidade racial - mostrando como culturas negras foram (e ainda são) subestimadas e violentadas pela lógica racista da transparência normativa -, suas críticas também nos ajudam a pensar a experiência neurodivergente como uma recusa ativa a esse mesmo universalismo. o corpo negro, em sua potência sensível e histórica, nos oferece pistas de práticas culturais afro-referenciadas que rompem com o pensamento cartesiano, linear, causal, determinista. de maneira semelhante, a neurodivergência reivindica o direito de existir sem precisar caber em modelos normativos de funcionalidade e produtividade. me parece que há algo em comum nessa luta: o desejo de viver sem ter que se traduzir o tempo todo.

trata-se de afirmar uma poética da relação que reside justamente na opacidade do diverso - não como obscuridade, mas como abertura ao que escapa, ao que não precisa ser explicado para ser acolhido. Glissant não nos oferece verdades absolutas nem compreensões totais. mas outro gesto: o de “*dar com*”, em vez de “*tomar*” *do/a/e* outro/a/e.. e é nesse desvio que a opacidade revela seu potencial

criativo, quando acolhemos aquilo que vibra.

é nesse campo vibrátil que proponho pensar a *sensibilidade autista*: não como uma identidade fixa, mas como pulsão relacional. uma corporeidade que não organiza o mundo por categorias prontas, mas o pré-sente em vibrações – de ritmo, de textura, de afecções. uma corporeidade que vibra com intensidade, que escapa aos contornos rígidos da representação para habitar os interstícios da experiência. uma corporeidade cujas relações não dependem de clareza, mas de ressonância.

a vibração autista nos convida a repensar os modos de criação da vida coletiva. e é na arte da performance, especialmente nas poéticas conviviais, que vejo essa sensibilidade encontrar um campo fértil. como pensar uma ação artística que não busca revelar algo ao público, mas criar campos de implicação sensível? como propor gestos que não queiram mais que vibrar, ampliando experiências? e como a percepção autista pode contribuir para a qualidade desses gestos? são perguntas que me acompanham, enquanto me debruço nos “*gestos menores*” como desdobramentos da vibração autista nas práticas das performances conviviais.

performances conviviais:

não chego à arte da performance e às poéticas de convívio como quem escolhe uma linguagem. chego impulsionada por um desejo vital de encontrar modos de vida que possam sustentar essa convocação sensível em um mundo saturado de normas sobre como se deve viver. em minha trajetória como artista, desde a formação em teatro, a sensibilidade neurodivergente – intensificada, porosa, exigente – já me acompanhava, embora eu ainda não soubesse nomeá-la. lembro do desejo de experimentar modos de atuação e de encenação não apenas como expressão poética, mas como investigação de um *sentir-com*: de envolver o público em uma atmosfera, tal como eu me sentia envolvida.

as práticas relacionais e participativas, nesse contexto, me pareciam promissoras. havia nelas a promessa do encontro, da partilha, da escuta. no entanto,

com o tempo, tornou-se evidente que muitos desses dispositivos frequentemente coreografavam interações previsíveis, esvaziadas de escuta e de implicação ética. reconheci que meu desejo não era coreografar o público em uma participação artificial. o que eu buscava era o acontecimento vivo – aquele em que as relações se dão não apenas por mediação simbólica, mas por vínculo comungado. é nesse sentido que encontro campo fértil nos estudos e práticas da performance, mais especificamente do que chamo de performances conviviais.

esse percurso foi amadurecendo ao longo da pesquisa de doutorado em *[po]éticas de convivialidade*, quando reconheço que o motor dessas buscas artísticas estava profundamente atravessado pela experiência autista. por essa constante tentativa de encontrar modos de vida coletiva que não apenas acolhessem formas alternativas de sentir, mas que partissem delas como agência propositiva.

as performances conviviais, como entendo, são ações artísticas que não se satisfazem com a participação pontual ou com a interação planejada. elas se implicam em relações situadas, afetivas e políticas com os contextos que habitam. ainda que em diálogo com a arte relacional, proposta por Nicolas Bourriaud (1998), e com as críticas de Claire Bishop (2006) à estetização da interação, essas práticas, quando perspectivadas no contexto brasileiro, me parecem demandar outros vocabulários e outras éticas de implicação.

percebo que as poéticas de convívio, aqui, se manifestam quando deixam de ser uma escolha estética formal, e se assumem como uma convocação cotidiana, uma resistência cultural, uma estratégia ética-política de manutenção da vida comum. quando elas emergem de seus contextos, e não se impõem sobre eles. quando reinventam possibilidades de viver-com em meio às normativas coloniais e às violências neoliberais que organizam nossas cidades, nossos corpos e afetos.

são ações que convidam à convivência – não apenas como presença partilhada, mas como criação sensível do estar-junto. nelas, o vínculo deixa de ser um meio ou efeito colateral e se torna o próprio centro ético-estético-político da experiência.

mais do que interagir ou intervir, essas performances cultivam campos de escuta, onde a convivência se compõe em gestos de uma vida comum.

me inspiro, por exemplo, em trabalhos como *Converso sobre qualquer assunto*, de Eleonora Fabião, em que a artista propõe conversas gratuitas com desconhecidos nas ruas, ativando a escuta como prática performativa e poética. me inspiro em trabalhos da artista e autista Tania Alice, como a *Clínica do Encantamento*, que convida o público a receber pequenos gestos de cuidado e poesia, reorganizando o espaço urbano por meio da ternura. me inspiro em trabalhos de Renata Felinto como propõe *Amor-tecimento*, uma ação ritual de cuidado e escuta a partir da ancestralidade negra, gerando vínculos profundos com os participantes.



(Eleonora Fabião em “Converso sobre qualquer assunto”, Miami, 2018. foto: Francisco Morado. disponível em: <https://4parede.com/16-urgencias-do-agora-o-impossivel-como-materia-de-pensamento-e-acao/>)



(Tania Alice na performance “Clínica do Encantamento”, Rio de Janeiro, 2025. foto: Gabriela Canale. disponível em: https://www.instagram.com/p/DJsLY24Jbdl/?img_index=7)



(Amor-tecimento de Renata Felinto. 2019. foto disponível no site da artista: <https://renatafelinto.wordpress.com/amor-tecimento/>)

me inspiro ainda em trabalhos de grupos, como o coletivo O Poro de Belo Horizonte que realiza intervenções poéticas na cidade como cartazes com dizeres como “cozinhar é um ato revolucionário”, “Perca Tempo”, “Atravesse as Aparências”, despertando o olhar sensível para a vida comum. o grupo OPOVOEMPÉ com ações como “Faça uma pausa para respirar” em que as artistas propõem uma anamnese lúdica sobre hábitos e estilo de vida, e os participantes são convidados a descansar os pés em pedaços de grama enquanto ouvem a batida do próprio coração. já o grupo

Opavivará! do Rio de Janeiro ativa o convívio por meio da disposição de objetos como cadeiras de praia coletivas, redes de descanso ou bicicletas adaptadas para múltiplos usuários, reconfigurando as dinâmicas do espaço público e provocando encontros inusitados e afetivos.



(Faixas de anti-sinalização do grupo O Poro (2009 - 2016). foto disponível no site do grupo em: <https://poro.redezero.org/intervencao/faixas-de-anti-sinalizacao/>)



(ação "Faça uma pausa para respirar" do coletivo OPOVOEMPÉ. 2013. foto disponível no site do coletivo: <https://www.opovoempe.org/en/>)



(instalação “Rede social” do coletivo OPAVIVARÁ. foto disponível no site do coletivo:
<http://www.opavivara.com.br/sobre--about/>)

nessas proposições, o que está em jogo não é uma compreensão da obra nem a finalidade de uma ação determinada, mas a sua vivência experimental: o que ela pode fazer acontecer na medida em que é partilhada em ato, por meio de gestos que se implicam mutuamente. para isso, o trabalho dos performers se volta, consideravelmente, a uma qualidade relacional - um modo de se dispor ao encontro que envolve atenção, escuta, receptividade e implicação propositiva. é nesse sentido que a vibração autista se torna significativa: por sua escuta porosa e seus modos intensificados de sentir, ela nos oferece pistas sobre essa disponibilidade ético-afetiva para o vínculo e co-criações coletivas.

ação [po]ética *“Cardume ou Mancha azul”*.

nas ações [po]éticas de convivialidade que venho pesquisando e vivenciando, percebo a vibração autista não apenas como um traço de sensibilidade, mas como um modo de implicação ético-afetiva que atravessa todas as escolhas nas minhas práticas. ela articula “o que”, “com quem”, “onde”, “quando” e “como” elaboro uma ação: no interesse por relações multiespécies, nas escolhas das materialidades

segundo as forças sensoriais que convocam, nos gestos e modos de dispor as ações, de acolher as relações e de sustentar os vínculos.

um exemplo disso é a ação *cardume ou mancha azul*, que elaborei em 2023 no âmbito do projeto *Matéria Mar*, do grupo de pesquisa NEP – Núcleo Experimental em Performance (PPGAC/Eco/UFRJ). a ação foi performada em junho de 2023 e abril de 2024. na primeira vez contou com a participação dos artistas convidados Daniel Ferrão, Mar Marinho, Érika Silva, Márcio Desiree e Renata Bn.

inspirada nas sabedorias de convivência dos cardumes de peixes, a ação buscava investigar a inseparabilidade e sincronicidade que esses corpos marinhos experienciam em grupo. e, a partir disso, experimentar um “mover junto” segundo uma escuta atenta ao coletivo, onde a relação se dá sem hierarquia, por ressonância – sustentando o fluxo comum sem dissolver a singularidade de cada corpo.

o programa performativo (FABIÃO, 2013) propunha:

caminhar em grupo pela cidade do Rio de Janeiro vestindo blusas azuis; experimentar um estado de inseparabilidade inspirado nos cardumes de peixes, caminhando próximos para não fragmentar o grupo; e explorar vínculos de integração com a cor azul, em suas diversas manifestações ao longo do percurso.



(performers (da esquerda para a direita) Mar Marinho, nadiana, Daniel Ferrão e Erika Silva caminhando na mureta da Urca, ao lado do mar da Baía da Guanabara/RJ. foto: renata bn

nessa ocasião, eu ainda não nomeava como “vibrações autistas” esse estado de percepção, atenção e predisposição relacional que me atravessava como performer pesquisadora. no entanto, ao elaborar e experimentar a ação junto aos artistas envolvidos, percebo hoje como essa investigação sempre esteve ali. a seguir, descrevo algumas dessas manifestações vibráteis, tal como as reconheço agora, à luz deste pensamento que sigo elaborando.

42

1. a investigação na sincronia do cardume como inteligência sensorial:

a tecnologia de vínculo dos cardumes é, em sua sutileza, profundamente sofisticada. segundo os estudos de Matz Larsson, a capacidade dos peixes de se deslocarem juntos, numa mesma direção, com movimentos e ritmos sincronizados, advém de um refinamento do sistema nervoso chamado *linha lateral*: um conjunto de órgãos sensíveis (os neuromastos), distribuídos ao longo das laterais do corpo, que permite perceber, com precisão, as variações de pressão provocadas pelos movimentos da água (LARSSON, 2021, p. 118).

essa inteligência sensorial permite que cada peixe mantenha uma relação justa entre proximidade e distância dentro do cardume: perto o suficiente para sustentar o fluxo coletivo, mas com espaço para seu próprio movimento. trata-se de uma afinação constante entre a singularidade e o coletivo - uma forma de convivência que não se organiza por comando, mas por escuta corporal.

quando conheci essa forma de organização social dos cardumes, fiquei fascinada. reconheci ali uma política do sensível que desmontava a ideia de que apenas os humanos - dotados de linguagem, razão e instituições - seriam capazes de decisões coletivas tão sofisticadas. os cardumes nos oferecem um exemplo radical de vida coletiva descentralizada, desierarquizada e altamente responsiva. um modo de existência que desafia os fundamentos da racionalidade hierárquica e

antropocêntrica. uma política sem fala, mas com alta vibração sensível, ou melhor, uma organização sócio-política que nasce da vibração sensível.

2. a investigação integrativa com a cor azul:

seguíamos rastros de azul pela cidade - nas fachadas, nas roupas das pessoas, nos objetos esquecidos nas calçadas. o azul não era direção prévia nem sinalizador de percurso, mas uma matéria que nos convocava a movimentos integrativos. a cada encontro com essa cor, nascia uma possibilidade de relação: um gesto, uma pausa, um desvio, uma composição inesperada.

nenhuma ação era programada. o que nos guiava era uma escuta vibrátil — como se nos perguntássemos “que relação compositiva essa manifestação de azul nos convoca?”. como quando nos encontramos com um senhor que também vestia uma blusa na cor azul, no Largo da Carioca. ele manipulava um brinquedo no ar - um boneco com um paraquedas feito de saco plástico também na cor azul. o encontro com a cor azul nos convocava à brincadeira e assim fomos, em cardume, brincar com aquela manifestação de azul. o azul tornava-se força de integração não por representar algo, mas por nos atravessar como campo relacional.

3. a investigação na sincronia como ética da diferença, uma sabedoria convivial:

investigar as sabedorias de convivência dos cardumes foi, para mim, apenas observar os peixes. mas me deixar atravessar por eles. como propõem Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), talvez seja possível pensar aqui em um devir-animal - não como imitação, mas como implicação sensível com um modo de existência que me desloca da posição de sujeito observador para a experiência de correspondência. nessa escuta experimentativa, também meu corpo aprende: aprende a perceber pressões sutis, a acolher estímulos do ambiente, a co-inventar ritmos com o coletivo. a sincronia, nesse contexto, não acontece por repetição ou controle, mas por desejo de correspondência. corresponder às diferentes necessidades tanto singulares quanto coletivas torna-se um gesto ético - uma sabedoria relacional em ato, que não se reduz à harmonia, mas se sustenta nessa atenção ao entre.

durante a caminhada, cada performer manifestava desejos diferentes, e era preciso inventar modos de coexistir entre essas vontades sem que uma se sobrepusesse à outra. em muitos momentos, não havia liderança: o ritmo era conduzido pelo próprio fluxo. não se tratava de buscar consenso ou ordem, mas de sustentar encontros contingentes e dinâmicos - como nos cardumes.

4. a atenção relacional como linguagem sensível intensificada:

quando propus a ação aos performers, era importante que a experiência se diferenciasse radicalmente da lógica do pensamento moderno produtivista - aquela que exige clareza de intenção, eficiência de resultado, direção de sentido. nossa atenção era de outra natureza. não se tratava de construir gestos previamente codificados e intencionados, mas de nos dispor em receptividade, em escuta ao espaço - às materiais e forças manifestadas, inesperadamente, durante o percurso.

os performers não performavam *sobre* algo, mas *com* o que surgia: uma placa azul, uma luz numa vitrine, uma troca de olhares, movimentos de carros, o ritmo de um passo alterado por algum passante. essa atenção não buscava qualquer qualidade de eficiência ou coerência, mas era sustentada pelo vínculo com o acaso e o que o acaso nos ofertava nos era suficiente. nessa escuta expandida, me parece que a vibração autista se apresenta como qualidade de vínculo.

é a partir dessa inteligência vibrátil que venho investigando, também, o que a filósofa Erin Manning nomeia como *gestos menores*. sua proposta me ressoou profundamente, talvez porque descreve justamente esse estado de presença que antecede o gesto, essa escuta que se abre ao encontro antes mesmo de saber o que fazer com ele. na minha experiência como pessoa autista e artista-performer, reconheço nesse campo do *menor* um território fértil para pensar o estado relacional do corpo - um corpo que não age por intenção, mas por afecção, que se envolve em receptividade.

a poética dos gestos menores:

caminhar juntas, brincar, habitar com cuidado o espaço público ou ouvir a história de um desconhecido – todos esses poderiam parecer gestos menores que geram implicação com a vida ao redor. porém, o que Erin Manning (2016) chama de “gestos menores” não se refere exatamente a ações em si, mas ao estado corporal que as antecede e as torna possíveis.

em contraste ao que ela chama de tonalidade maior – “uma tendência estrutural que se organiza de acordo com definições predeterminadas de valor” –, a tonalidade menor “é uma força que flui através dela, desamarrando sua integridade estrutural, problematizando seus padrões normativos” (MANNING, 2016, p. 12. tradução livre). os gestos menores são movimentos ainda não fixados em função, que não se fecham em direção ou sentido. eles surgem de um corpo em escuta ético-afetiva, que se move por vibração, não por intenção.

não se trata, então, de um gesto voluntário, mas de uma inclinação do corpo ao mundo, um modo de se mover que carrega em si uma força de criação – não no sentido espetacular, mas na dobra quase imperceptível daquilo que faz vibrar. antes de qualquer ação reconhecida como relacional, há um campo sensível de intensidades sendo costurado. Manning propõe que o gesto menor é uma forma de percepção encarnada que pressente o mundo antes que ele seja organizado por categorias fixas. é o corpo sentindo com-o-mundo, em vez de sentindo o mundo.

esse estado corporal anterior ao gesto nomeável é, como vimos, onde a corporeidade autista se manifesta desenhando vínculos inesperados. e nesse sentido, o gesto menor é uma disposição à convivialidade. ele acontece na iminência do entre: quando dois corpos se aproximam, mas ainda não se cumprimentaram; quando há espera, escuta, presença. chamam-se “menores” não por serem fracos, mas porque escapam das codificações dominantes – do que é considerado válido, produtivo ou decifrável. são germes de outros modos de viver.

por escaparem da intencionalidade e da representação, os gestos menores se apresentam como micro-acontecimentos. pequenas intensidades que não visam a produtividade, mas que têm o poder de reorganizar o sensível. trata-se de perceber

o que vibra antes da forma, de permanecer nessa zona porosa onde tudo ainda está por vir.

é aí que Manning aproxima o gesto menor da experiência autista - não como analogia, mas como abertura a uma outra ética sensível. para ela, a percepção autista não é um desvio da norma, mas uma forma própria, generativa, de estar no mundo. uma forma que se atém aos detalhes, ritmos internos, texturas e desvios. em vez de organizar a experiência pela linearidade, ela se expande de modo associativo, poroso, reverberante.

Manning se apoia em relatos de pessoas autistas cuja percepção do espaço é envolvente, e cuja relação com as matérias não é primeiro significativa, mas sensível. como relata Lucy Blackman e Naoki Higashida:

Às vezes tenho pena de você por não ser capaz de ver a beleza do mundo da mesma forma que nós. Realmente, nossa visão do mundo pode ser incrível, simplesmente incrível.” Escreve Naoki Higashida: “Quando você vê um objeto, parece que você o vê como uma coisa inteira primeiro, e só depois seus detalhes seguem. Mas para pessoas com autismo, os detalhes saltam aos nossos olhos primeiro, e só então gradualmente, detalhe por detalhe, é que a imagem inteira surge em foco (2016, p.143. tradução livre).

a partir dessas experiências, Manning questiona os limites da percepção neurotípica, muitas vezes reduzida a volição, intenção e agência. o que ela propõe é uma virada:

A principal diferença entre o autista e o neurotípicamente inclinado não é a modalidade de percepção como tal, mas como a percepção é colocada em campo. No neurotípico, porque o campo é mais direto no sentido de que a análise acontece mais rapidamente, o sentimento da multiplicidade inerente da forma subjetiva não é tão destacado. É isso que permite ao neurotípico ter tanta certeza de que a experiência começa com ele, no corpo, no humano. Se vemos a subjetividade da perspectiva da percepção autista, por outro lado, a heterogeneidade da sensação torna mais palpável a subjetividade que está em formação, no campo. A subjetividade não é sentida como predeterminante: ela está conectada ao campo da experiência à medida que o informa (Manning, 2016, p. 146. tradução livre).

é justamente essa abertura ao campo - essa sensação ainda em germinação - que vejo como fonte de vitalidade para a performance, tanto para artistas autistas

quanto não autistas. o que venho chamando de vibração autista carrega uma disposição intensiva, pré-expressiva, onde os gestos ainda não se fecharam em sentido. eles germinam no espaço aberto da percepção, onde tudo ainda pulsa em multiplicidade.

nesse plano sensível, a experiência não exige resposta. a ética do gesto menor é, no fundo, uma ética da escuta que não antecipa, que não captura. ao ativar o cotidiano e criar vínculos implicados com o entorno, esses gestos se configuram como micropolíticas da presença e da escuta. eles resistem ao apagamento das singularidades e abrem frestas pra outras formas de convivência - mais sensíveis, mais justas e vitalizadas - possam insurgir.

conclusão

procurei compartilhar aqui algumas especulações - atravessadas pela minha experiência autista - sobre possíveis articulações entre a vibração autista e uma política da opacidade, uma estética das performances conviviais e uma ética dos gestos menores. a vibração autista é, para mim, uma forma sofisticada de perceber e se relacionar com o mundo, que subverte as lógicas da racionalidade transparente e da convivência neurotípica estruturada por intenções e previsibilidades.

os gestos menores, que tanto dizem sobre meus modos específicos de percepção e de vibração com o mundo, me parecem formas que precedem as ações automatizadas, abrindo espaço para a criação de vínculos sustentados na escuta e nas intensidades sensíveis.

as performances conviviais, quando articuladas à vibração autista, se tornam um convite - para mim e para quem delas participa - a habitar modos de vida coletiva que afirmem a pluralidade das existências e reinventem o tecido social a partir dessas singularidades. minha jornada pessoal e teórica tem apontado para experiências a(u)rísticas como práticas fundamentais na criação de uma convivialidade ainda por vir.

referências bibliográficas:

- BISHOP, Claire. *Artificial Hells: participatory art and the politics of spectatorship*. London: Verso, 2012.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: *um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista*. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Caderno de leitura, nº 78, 2016, pags. 1-16.
- FABIÃO, Eleonora. *Programa performativo: o corpo-em-experiência*. Revista Lume - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - Unicamp, nº 4, dez. 2013.
- FISHER-LICHTE, Erika. *Estética do Performativo*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- GLISSANT, Édouard. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de José Guilherme Merquior. São Paulo: Editora 34, 1995.
- LARSSON, Matz. *Why do fish school?* Current Zoology, 58 (1): 116128, 2012 .
- MANNING, Erin. *The Minor Gesture*. Durham: Duke University Press. 2016.
- _____. *Choreograph of Neurodiversity*. For the Wild, Episódio 356, 2023. Disponível em: <https://forthewild.world/listen/erin-manning-on-the-choreography-of-neurodiversity-356>
- MONSALÚ, Fabiana; ALICE, Tania. *A arte relacional no Brasil: o que se faz - o que se come*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2022.
- WALKER, Nick. *Neuroqueer Heresies: Notes on the Neurodiversity Paradigm, Autistic Empowerment, and Postnormal Possibilities*. Editora: Autonomous Press, 2021.

-
1. este texto é escrito em letras minúsculas por escolha sensível, a partir da minha experiência autista, para quem a leitura e a escrita se tornam assim mais confortáveis. recorro ao duplo espaçamento após o ponto final, para melhor conforto da leitura. também opto por experimentar formas inclusivas de linguagem de gênero, alternando o uso de terminações com “o/a/e” ou desinências como “a” ou “e”, de modo a acolher a multiplicidade de existências não normativas.